

UNIVERSIDADE SAGRADO CORAÇÃO

LEONICE AMADIO

**A ESPIRITUALIDADE COM VALORIZAÇÃO DO
CAPITAL HUMANO DENTRO DO CONTEXTO
ADMINISTRATIVO**

BAURU
2014

LEONICE AMADIO

**A ESPIRITUALIDADE COM VALORIZAÇÃO DO
CAPITAL HUMANO DENTRO DO CONTEXTO
ADMINISTRATIVO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Administração, sob a orientação da Profa. Ma. Helena Aparecida Gica Arantes.

BAURU
2014

Amadio, Leonice.

A481e

A espiritualidade com valorização do capital humano dentro do contexto administrativo / Leonice Amadio. -- 2014. 50f.

Orientadora: Profa. Ma. Helena Aparecida Gica Arantes.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Universidade do Sagrado Coração – Bauru – SP.

1. Espiritualidade. 2. Totalidade. 3. Integração. I. Arantes, Helena Aparecida Gica. II. Título.

LEONICE AMADIO

**A ESPIRITUALIDADE COM VALORIZAÇÃO DO CAPITAL HUMANO
DENTRO DO CONTEXTO ADMINISTRATIVO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Administração, sob a orientação da Profa. Ma. Helena Aparecida Gica Arantes.

Banca examinadora:

Profa. Ma. Helena Aparecida Gica Arantes
Universidade do Sagrado Coração

Profa. Ma. Elisabete Aparecida Zambelo
Universidade do Sagrado Coração

Prof. Me. Fabio José de Souza
Universidade do Sagrado Coração

Bauru, 11 de dezembro de 2014.

*Dedico a Deus, a Maria
Santíssima, à minha Família
Religiosa e aqueles que fizeram
caminho comigo.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado luz e sabedoria do seu Espírito Santo e conceder-me a coragem, saúde e força para superar as dificuldades e os obstáculos.

Ao Instituto das Apostolas Do Sagrado Coração de Jesus e a esta Universidade, ao seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

À minha orientadora Helena Aparecida Gica Arantes pelo suporte e dedicação e disponibilidade no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Aos meus pais e à minha comunidade Religiosa.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado. Que Deus em seu infinito Amor os abençoe.

“A dignidade de cada pessoa humana e o bem comum são questões que deveriam estruturar toda a política econômica, mas às vezes parecem somente apêndices adicionados de fora para complementar um discurso político sem perspectiva nem programas de verdadeiro desenvolvimento integral.”

(Papa Francisco, 2013)

RESUMO

A qualidade de vida do indivíduo e da empresa implica numa mudança de mentalidade, que se adquire no planejamento com a intervenção da espiritualidade, tendo em vista a integração do ser humano em sua totalidade. A espiritualidade é um grande universo a ser explorado e desenvolvido. O lucro como fim em si mesmo, destrói o conjunto de energias e recursos, mas se esse recurso for agregado com a realidade humana pode adquirir um valor que é mensurável. Desenvolver a espiritualidade é redescobrir a dignidade do ser humano fazendo-o capaz de se relacionar com a natureza, visando um bem estar físico, intelectual, emocional e espiritual. A espiritualidade faz com que o trabalhador não viva na superficialidade da sua vida e do trabalho, mas seja questionado em suas responsabilidades. Contudo o dar sentido a vida é fazer que o trabalhador seja mais feliz dentro da organização empresarial redescobrando que há um mundo novo além de suas responsabilidades. E que a relação que o homem tem consigo mesmo acontece ao longo de um caminho que amadurece e se desenvolve a partir de três princípios fundamentais em sua vida : Deus ,o mundo e o próximo. O ser humano deve ser construído manualmente cultivando- se a si mesmo. Esse desenvolvimento acontece porque ele é um ser livre capaz de sobrevoar o mundo da experiência, com capacidade de avaliar o presente passado e futuro.

Palavras-chave: Espiritualidade. Integração. Totalidade. Relações interpessoais. Ética.

ABSTRACT

The quality of life of the individual and the company implies a change of mentality, which is acquired in planning the intervention of spirituality, in view of the integration of the human being in its entirety. Spirituality is a big universe to be explored and developed. The profit as an end in itself destroys the set of energies and resources, but if this feature is added with human reality can get a value that is measurable. Develop spiritually is to rediscover the dignity of the human being making him able to relate with nature , seeking a good physical , intellectual , emotional and spiritual . Spirituality makes the employee does not live in the superficiality of his life and work, but be questioned on their responsibilities. Yet making sense of life is to make the worker to be happier within the business organization rediscovering that there is a new world beyond their responsibilities. And the relationship that man has with himself happens along a path that matures and develops from three fundamental principles in your life: God, the world and the next. The human being must be built manually cultivando- himself. This development is because he is a free being able to fly the world of experience, with ability to assess the past present and future.

Keywords: Spirituality. Integration. Entirety. Interpersonal relationships. Ethics.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 PROBLEMATIZAÇÃO	9
1.2 OBJETIVOS	10
1.3 OBJETIVO GERAL	10
1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
1.5 METODOLOGIA.....	11
1.6 JUSTIFICATIVA.....	111
2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA	12
2.1 QUE É O SER HUMANO?.....	122
2.2 VISÃO RACIONAL.....	122
2.3 O SER HUMANO NA VISÃO RELIGIOSA CRISTÃ	122
2.4 O SER HUMANO NA VISÃO CIENTÍFICA	12
2.5 VISÃO OU CONCEITO DO HOMO ECONOMICUS	144
2.6 A ESPIRITUALIDADE.....	14
2.7 ESPIRITUALIDADE A ARTE DE INSPIRAR PESSOAS.....	155
2.8 ESPIRITUALIDADE BASE DA FORMAÇÃO E VALORIZAÇÃO HUMANA	177
2.9 DESENVOLVIMENTO HUMANO E A DESCOBERTA DOS VALORES.....	188
2.10 RELAÇÕES INTERPESSOAIS E O DESCOBRIMENTO DE TALENTOS	19
2.11 HUMANISMO E O HUMANITARISMO NAS ORGANIZAÇÕES.....	20
2.12 ESPIRITUALIDADE E A ÉTICA: SUA INFLUENCIA NO COMPORTAMENTO HUMANO	24
2.13 ESPIRITUALIDADE E RESULTADOS QUE PODEM SER MENSURADOS.....	2726
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	311
ANEXO 1 - QUEM É A PESSOA HUMANA?	333

1 INTRODUÇÃO

A palavra espiritualidade vem crescendo e ganhando espaço no mundo contemporâneo o que era despercebido do mundo organizacional hoje já está sendo missão estratégica dentro das empresas. A palavra espírito deriva do hebraico seu significado é “ruah”, “sopro” associado à vida. Espiritualidade é então sopro de vida, num sentido mais amplo, espiritualidade é dar sentido à vida, é uma tendência para Deus ou algo Superior. Surgindo a busca que o ser humano tem para o transcendente, traduzindo assim por “fé” e “sentido.”

Quando se diz que a vida tem “sentido” há um envolvimento da convicção de que a pessoa tem uma missão na vida que não se pode alienar porque é vista como dom. (PESSINI, 2007).

Espiritualidade como “sentido” é entendido na universalidade do ser independente da pessoa ter religião ou não, pois até o ateu e o agnóstico tem preocupações espirituais. Isso faz questionar como as empresas têm pensado nas necessidades espirituais de seus colaboradores.

A espiritualidade do ser humano é a base em que o indivíduo se relaciona com a realidade. Já não é possível falar em desenvolvimento sem pensar no ser humano na sua totalidade constituído de corpo e espírito. O desafio de nosso tempo é integrar a espiritualidade tecnologia e produção. A espiritualidade na empresa significa a razão de existir, que leva o ser humano a pensar no trabalho como valor mensurável na integração de seu ser dando sentido na atuação do ambiente econômico agregando assim mais valor ao processo produtivo.

A sociedade atual tende a pender para o hedonismo e ao consumismo sem enxergar os danos que pode surgir dessa mentalidade. (BENTO XVI, 2009). Levar em conta espiritualidade do ser humano é um caminho a percorrer para o crescimento e o desenvolvimento evitando a fragmentação empresarial causada pela competição. O trabalho, capital e espiritualidade apontam para uma qualidade de vida do trabalhador. Toda instituição ou empresa deve ter em sua constituição uma visão e uma missão.

A missão de atender as expectativas e necessidade de seus clientes para obter lucros, tendo em vista o desenvolvimento da empresa com retorno de seus investimentos contribuindo para que seus profissionais e colaboradores tenham uma vida de qualidade. A visão no contexto da espiritualidade é a própria responsabilidade social. (BARCHIFONTAINE, 2007). Não é possível falar em desenvolvimento tendo um olhar fragmentado da realidade humana.

A organização deve e precisa descobrir sua dimensão transcendental para as causas humanistas, traduzindo esses valores em atitudes de respeito, escuta a maneira de atender o cliente, o estilo de liderança e o trabalho em equipe. É de suma importância que as lideranças desenvolvam a capacidade intelectual e espiritual com atitudes mais humanas e com responsabilidade social, isso faz a diferença no ambiente administrativo. A capacidade das pessoas em melhorar seu dia a dia, proporciona também o crescimento da empresa. (DANON, 2003).

A espiritualidade no trabalho tem implicação direta em todos os setores da empresa e pode ser um resultado mensurável no produto final, como também questionar paradigmas para se viver uma realidade diferente integrando a energia humana e evitando a fragmentação provocada pela competição. (BARCHIFONTAINE, 2007).

Para lidar com pessoas é preciso preparo, e muitas vezes, os empresários se negam em adquirir, pois preferem o foco técnico e perde-se assim todo potencial existente. Contudo, a espiritualidade é essencialmente importante, ajuda a assumir responsabilidade profissional contribuindo no respeito e na solidariedade com o próximo trazendo um novo estilo de liderança unida ao trabalho em equipe.

1.1 PROBLEMATIZAÇÃO

Diante do esopo sobre a importância da espiritualidade, levanta-se a seguinte questão:
Qual a importância da espiritualidade na valorização do capital humano dentro do ambiente organizacional?

1.2 OBJETIVOS

Nas seções abaixo estão apresentados o objetivo geral e os objetivos específicos.

1.3 OBJETIVO GERAL

Demonstrar que a espiritualidade questiona os paradigmas para dar uma nova visão de mundo dentro das organizações, em particular no contexto da administração.

Evitar a fragmentação do ser humano visando à qualidade de vida da pessoa e da empresa.

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Vivenciar a harmonia cultivando valores para um maior desenvolvimento da personalidade do indivíduo e proporcionar a compreensão que o lucro pode conviver com a harmonia nas relações e com a ética.

Liderar e influenciar pessoas para trabalharem entusiasticamente, na busca de objetivos identificados como sendo para o bem comum.

1.5 METODOLOGIA

A pesquisa será realizada através de revisão literária exploratória com busca em base de dados científico da web, Google acadêmico e livros.

A intenção é descobrir qual a importância da espiritualidade e qual a influência e benefícios que ela pode trazer para a saúde e no relacionamento da vida cotidiana do trabalhador no ambiente empresarial administrativo.

1.6. JUSTIFICATIVA

O mundo contemporâneo, a tecnologia e o consumismo fazem com que o ser humano viva na superficialidade da vida sem questionar o porquê de sua existência e, isso também pode estar acontecendo no mundo empresarial.

As organizações só existem se houver seres pensantes e, esses, são constituídos de corpo e sentimento e espírito, a fragmentação de um desses itens pode ser a causa das doenças mais comuns do trabalho como: estresse, depressão e outras. O desenvolvimento de uma espiritualidade faz com que se dê sentido ao que se está construindo, usufruindo de lucro maior. Humanizar a empresa é humanizar a sociedade como um todo.

Aqueles que exercem liderança antes de viajar pelo mundo na busca de adquirir conhecimento, precisam antes fazer uma viagem dentro de sua própria instituição para saber se seus colaboradores vivem com dignidade.

Para aplicar intrinsecamente de maneira mais profunda seus conhecimentos é preciso pensar na globalização do social e da sociedade

Hoje, dar sentido ao que se faz, dentro da espiritualidade é igual a mensurar resultados.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O tema espiritualidade nas organizações é abordado como uma nova maneira de pensar formar a consciência humana dos indivíduos, dando um novo sentido na vida das empresas.

2.1 QUE É O SER HUMANO?

“O homem, ser uno, composto de corpo e alma, sintetiza em si mesmo, pela sua natureza corporal, os elementos do mundo material, os quais, por meio dele, atingem a sua máxima elevação e louvam livremente o Criador.” (PAULO VI, 1965).

Existem várias interpretações da natureza humana, mas para o tema abordado temos algumas visões distintas: Visão racional; visão religiosa; Visão científica e a visão do ser economicus. “O homem é uma parte da natureza e participa das ocorrências da natureza, mas ele parecer ou se colocar acima da natureza e exercer considerável controle sobre ela.” (OLIVEIRA, 1999, p. 121).

2.2 VISÃO RACIONAL

Segundo Oliveira (1990) A visão racional é herdada da filosofia grega e revivida no período da Renascença. Nesta visão o que distingue homem dos demais animais é o fato que ele é um ser racional, ele tem alma que controla suas ações. Esta é visão de Platão, Aristóteles, Zenão.

De acordo com a interpretação clássica, o homem deve ser compreendido do ponto de vista da natureza e da singularidade de seus poderes racionais. O espírito é o princípio unificador e, como tal é distinto do corpo. a razão é o orgulho e a glória do homem. (OLIVEIRA, 1999, p. 122)

2.3 O SER HUMANO NA VISÃO RELIGIOSA CRISTÃ

O ser humano tem origem divina. Ele é um ser criado por Deus.

“O fato de ser ele, em parte, um ser espiritual que transcende a natureza explica sua singularidade, valor e quase ilimitadas possibilidades. Essa compreensão do homem o coloca em um universo repleto de significado e expressividade.” (OLIVEIRA. 1999. p. 122).

No início Deus disse, façamos o homem a nossa imagem e semelhança; Homem e mulher os criou. “Por ser a imagem de Deus, o indivíduo tem a dignidade de pessoa: ele não é apenas alguma coisa, mas alguém”. (CATECISMO..., 2000).

Deus o fez a sua imagem, dotou de inteligência e vontade e deu a liberdade, o ser humano é livre para decidir. Cada indivíduo é único e irrepetível.

“O espírito é o que tem em si impressa a semelhança divina, e no qual reside aquele principado em virtude do qual foi dado ao homem o direito de dominar as criaturas inferiores e de fazer servir à sua utilidade toda a terra e todo o mar [...]”. (LEÃO XIII, 1891).

Segundo a visão cristã o ser humano é um ser divino ele é uma manifestação da inteligência e do propósito moral do universo.

“Portanto quando se indaga ‘o que é o ser humano’, não se está duvidando de que ele exista, mas, sim, se quer saber da sua consistência, da sua categoria, da sua essência, da sua extensibilidade.” (PACINI, 1967, p. 17).

O ser humano pode resistir a livre obediência ao chamado de Deus porque ele é um ser imperfeito. Sua natureza pode ser dominada pelo orgulho.

O orgulho pode ser de seus conhecimentos e também de suas virtudes que é a tentativa de ocupar o lugar de Deus. Ele que se deus esse é um desejo insaciável pelo poder e glória.

O homem cai nestes erros quando ele recusa fazer de Deus o centro de sua existência. O Ser não teocêntrico se transforma em um Ser egocêntrico. Portanto para a tradição [...] cristã, o homem é tido como um fim em si mesmo e jamais deve ser usado como um mero meio. Sua consciência está sempre lhe lembrando que ele deve e é capaz de produzir o bem, pois é aquilo que tem valor para a pessoa. (OLIVEIRA, 1999, p. 122).

2.4 O SER HUMANO NA VISÃO CIENTÍFICA

“Uma interpretação estritamente científica do homem sustenta que ele e todas as suas atividades são determinada pelas leis da Física e da Química.” (OLIVEIRA, 1999, p. 123). Nessa visão a vida do ser humano é tida com as mais complexas. Aplica-se os métodos científicos aos estudos do ser humano isso tem sido feito desde o século passado. Um exemplo esta no Behaviorismo contemporâneo, que sustenta de que a psicologia é somente um estudo do comportamento humano. A conclusão do behaviorismo é que a função da psicologia é investigar o comportamento humano e não a mente. (OLIVEIRA, 1999).

O behaviorismo na maior parte das vezes vê o homem como um mero robô, já que todos os homens são naturalmente equipados com o mesmo potencial para virem a ser

manipulados e “ajustado” aos mesmos valores e padrões do mundo ao seu redor. (OLIVEIRA, 1999, p. 124).

2.5 VISÃO OU CONCEITO DO HOMO ECONOMICU

Segundo a visão do homo economicus (homem movido por dinheiro) a pessoa é profundamente influenciada por recompensas econômicas e materiais. O ser humano é considerado um ser limitado e mesquinho, preguiçoso e culpado pela vadiagem e desperdício da empresa. Nesta visão o ser humano vale pelo que produz ele só é importante se for capaz e conseguir gerar lucro e “o individualismo está necessariamente atrelado a concepção liberal de sociedade e da economia.” (GRESPLAN, 2002).

Dentre dessas visões que foram citadas é essencial ter um olhar crítico total do ser humano e perceber que esse ser é formado de corpo, alma e espírito e que dentro de cada ser humano existe um mistério que os torna único.

Não basta ter pessoas. Tornam-se necessários uma plataforma que sirva de base e um clima que impulse as pessoas e utilize os talentos existentes. Assim o capital humano é basicamente constituído de talentos e competências das pessoas. Sua plena utilização requer uma cultura democrática e impulsionadora. (CHIAVENATO, 2008, p.53)

Essa é força impulsionadora da espiritualidade. Ela é a força de ressurreição que faz renascer no ser humano uma força que revitaliza que renova e faz perceber que Deus é essencial na vida, e suas atitudes e comportamento deve ser manifesta a partir Dele origem da Vida

2.6 A ESPIRITUALIDADE

Espiritualidade é tudo o que possui uma elevação transcendência; sublimidade. É a espiritualidade da alma.

Segundo o dicionário online de A Z: Espiritualidade. Seu significado etimológica vem do latim “espiritualitate” ;significa 1. qualidade do que é espiritual. 2.Tendência para o desenvolvimento das capacidades espirituais da alma .Espírito. Do latim “spiritus” sopra; forma interativa “spiro” =soprar.

A espiritualidade está na forma como agimos e nos colocamos diante dos outros e das situações do dia a dia. A espiritualidade vem do espírito e para entender o que seja espírito precisamos desenvolver uma concepção de ser humano que seja mais fecunda que a convencional, transmitida pela cultura dominante.

2.7 ESPIRITUALIDADE A ARTE DE INSPIRAR PESSOAS

Espiritualidade nessa segmentação significa cultivar um lado do ser humano. é o modo de ser de cada pessoa. A espiritualidade não consiste em só saber coisa, mas de que maneira ou modo de realizar cada coisa. O ser humano possui em si profundidade e precisa dar sentido à vida e ampliar horizontes, ultrapassar limites ir além do que chamamos de resultado. essa é uma nova maneira de quebrar e questionar paradigmas. Espiritualidade é tudo aquilo que faz a mudança interior do ser humano, é uma das fontes primordiais de transformação, a capacidade de autotranscendência. A espiritualidade é mais o objetivo do que o caminho.

“Como transcendental, o valor tem, em comum com os outros transcendentais, algumas prioridades importantes. Antes de tudo a coextensividade com o ser: onde existe o ser, existe valores, onde existe o valor existe o ser.” (MONDINI, 2005, p. 27).

O caminho nos leva a um lugar, como fazer para chegar a esse determinado lugar é o papel da espiritualidade.

Nas organizações o lucro é a meta mais importante a ser alcançada, lucro é igual a resultado somado. Nas empresas espiritualizadas o resultado está voltado para o interno de cada indivíduo como uma pessoa com alma e, a meta final, é a alegria como fim e o lucro está em segundo plano.

“A lógica transcendental possibilita ao servo e ao patrão irem além do vazio que caracteriza ao fato de se encararem pela exterioridade e pelo medo que se exercem reciprocamente numa vida destruída pela falta de sentido.” (VALENTINI, 1998, p. 54).

A empresa que for capaz de viver e desenvolver seus projetos com base nesse conceito antecipará o futuro.

No mundo contemporâneo e na era da tecnologia e da informação a espiritualidade está se tornando um meio essencialmente muito importante para alcançar-se resultados com mais eficiência. Um aperfeiçoamento de resultados afeta diretamente a vida das pessoas, é nesse conceito que o ambiente de trabalho vem sendo discutido.

O sujeito é comprometido consigo mesmo no trabalho não vivendo por seu peso, mas sustentado pela contemplação daquilo pelo qual vale à pena cumpri-lo. sem uma profunda raiz, colocada nesta contemplação, o trabalho não é possível de se viver. (VALENTINI, 1988, p. 100).

A fragmentação e departamentalização criam um certo individualismo, nesse campo surge a espiritualidade com a tábua salvadora trazendo questionamentos sobre determinados valores e com um chamado a se colocar no lugar do outro, fato que no mundo atual seria ferir

no mundo do “ego “onde só o “eu” é importante, aí entra-se no mundo da imagem ferida. Para que exista um objetivo comum é necessário verdades e vontades comuns.

Verdades um dos valores da espiritualidade. As organizações pra se manter viva, não devem ser um organismos que só geram lucros, mas um corpo formados de pessoas com alma. E, nesse tempo, em que estamos vivendo mudanças de época, o capital humano é um dos recursos a ser mais valorizado. Estamos vivendo um eclipsar -se dos valores fundamentais e, tempos de noites pairam sobre nossa cultura e em nossas organizações é preciso resgatar a alma de nossas organizações religar o ser humano com o transcendente, essa é a missão da espiritualidade.

A missão da espiritualidade é levar o ser humano a um grau elevado da fé. Somos só entre milhares de outros sinais um pequeno sinal, de que o amor é possível, de que a vida não é somente uma luta entre opressores e oprimidos, competidores rivais, mas é paz.

Desenvolver o hábito de sempre fazer o melhor possível é uma forma de renovação na organização espiritualizada o “ser” precede o “fazer” no cultivo dos valores. Ser ético, ser solidário ser responsável é ser humano.

Caso “contrario eu não me realizo, Se eu não me realizo-usando a palavra em duplo sentido, não me torno real..., não me percebo, e se não me percebo no que faço, eu me sinto infeliz.” (CORTELLA, 2007, p. 65).

A Espiritualidade são valores que não são palpáveis e não são visíveis, mas pode ser contabilizado nas organizações. Empresas sem espiritualidade é como orquestra sem o som dos instrumentos.

“Na verdade, o trabalho se apresenta, hoje, diante do espírito do homem – de seu espírito, sim, e não apenas de seu corpo como uma realidade nova que revolucionou, profundamente também, a maneira de pensar, de agir e de viver da humanidade.” (VILELA, 1971, p. 360).

Quando não se consegue transcender além daquilo que se recebe não se vê motivo para se alegrar. Onde há espiritualidade é possível partilha de tempo e serviço. Caso contrário divide-se departamentos e cria fragmentação.

O ser humano e as organizações necessitam de um novo respiro e um ímpeto renovado de esperança uma estratégia de desenvolvimento que valorize mais o ser que o ter. Quando valores são compartilhados desenvolve um maior comprometimento, cria-se uma integridade. A confiança entre líderes e subordinados é mais duradoura e a empresa se assemelha mais à família em que existe abertura e transparência.

A arte de saber usar essa energia humana aumentará a produtividade e gerará mais benefício no produto final.

O que está em jogo é a dignidade e a integralidade de cada pessoa dentro das organizações esse é o maior patrimônio da empresa, por mais tecnológica e informatizada que ela seja, a participação da força viva e humana é indispensável. De modo que:

A dignidade de cada pessoa humana e o bem comum são questões que deveriam estruturar toda a política econômica, mas às vezes parecem somente apêndices adicionados de fora para completar um discurso político sem perspectivas nem programas do verdadeiro desenvolvimento integral. (FRANCISCO, Papa 2013, p. 120).

A cômoda indiferença diante dessas questões e dessa realidade deixa vazia nossas palavras e a excelência diante do trabalho realizado e do produto final não demonstra a verdadeira essência da vivência da espiritualidade praticada no interior da organização

2.8 ESPIRITUALIDADE BASE DA FORMAÇÃO E VALORIZAÇÃO HUMANA

O processo de mudança cultural que deu origem a modernidade trouxe consigo a individualismo e a subjetividade.

Esse desejo de autonomia do ser humano moderno é legítimo, pois a liberdade é um dom precioso que todos recebem de Deus. Porém a busca de autonomia muitas vezes se degenera em egoísmo e se torna auto suficiente e exclui Deus e o outro. Por isso a formação base do indivíduo é importantíssima para a valorização do seu semelhante.

É preciso resgatar dentro das organizações o valor essencial de cada ser ver e mostrar que ele é chamado a compartilhar a vida, conhecimento e amor que recebeu de Deus.

A formação humana espiritual o faz entender que se tem valor não pelas suas posses e virtudes e qualidades, mas ele vale pelo que é. A pessoa humana é criada a imagem de Deus. o indivíduo é a pessoa que tem dignidade e ele não é alguma coisa, mas é alguém. A descoberta do sentido da vida acontece diante da unicidade e da originalidade de cada pessoa

Por isso é, necessário que os valores escolhidos e procurados na vida sejam verdadeiros, porque só estes podem aperfeiçoar a sua natureza. Não é fechando –se a si mesmo que o homem, essa verdade dos valores ,mas abrindo –se para recebê-la mesmo de dimensões que o transcendem .esta condição necessária para que cada um se torne ele mesmo e cresça como pessoa adulta e madura. (JOÃO PAULOII, 1995, p. 23).

Dentre os valores que são base para a formação humana e espiritual com os membros que fazem parte do “corpo” organizacional, sua religiosidade deve ser Teocêntrica onde Deus ocupa o primeiro lugar como valor. Os demais valores são fundados no valor de um Espírito Infinito. O desenvolvimento humano depende necessariamente dos verdadeiros valores que a pessoa procura e escolhe na vida, pois só estes podem aperfeiçoá-la e formá-la -se verdadeiramente humana.

2.9 DESENVOLVIMENTO HUMANO E A DESCOBERTA DOS VALORES

A dificuldade do homem contemporâneo de tomar consciência de si mesmo, de posicionar-se diante da realidade e a experiência frequente de indecisão, são consequências de uma mentalidade que, negligenciando a necessidade deste fundamento, não favorece a descoberta de valores, nem um autêntico desenvolvimento humano. Não havendo uma clara hierarquia de valores, a postura assumida diante de situações que exigem soluções imediatas é a de relatividade, sem aprofundamento das razões das escolhas ou atitudes a serem assumidas.

“O trabalho não é somente uma propriedade especificado homem, investido do valor pessoal e social, mas também um dos componentes essenciais da cultura [...]” (MONDIN, 2005, p. 111). Para avançar na construção do corpo vivo de uma estrutura organizacional, o desenvolvimento humano e espiritual é imprescindível.

O desenvolvimento e aperfeiçoamento social de cada indivíduo leva ao comprometimento e envolvimento com mais responsabilidade no ambiente de trabalho e na sociedade. Líderes e subordinados precisam crescer juntos.

Respeitando a natureza tendo em vista o uso de bens que estejam em favor da vida e não da morte tanto do ser humano bem como o da natureza (MONDIN, 2005) e desenvolvendo uma convivência mais social constrói-se um grupo onde as diferenças se harmonizam dentro de um projeto comum.

O desenvolvimento de todos na construção de um mundo melhor e de uma sociedade mais solidária e uma organização mais eficiente, é importante dividir conhecimento para tornar uma organização mais fecunda.

A Espiritualidade é a força capaz de reproduzir a essência da fecundidade e de se auto-realizar independente do ambiente do tempo e lugar.

O desenvolvimento humano só pode existir se houver o cultivo das boas inclinações luz do valor absoluto da pessoa. Isso abre caminho para uma plena realização.”

Na concepção de homem que se considera um ser constituído essencialmente de alma e corpo e, ao mesmo tempo ,um projeto aberto ,chamado a realização de um valor absoluto [...]” (MONDIN, 2005, p. 129), tem a capacidade de se colocar em relação com a totalidade das coisas existentes, e nessa correlação existe a descoberta do ser.

2.10 RELAÇÕES INTERPESSOAIS E O DESCOBRIMENTO DE TALENTOS

O ser humano é responsável, porque é um ser que decide e escolhe como proceder.

Para descobrir os talentos de cada indivíduo é preciso entender o que são as relações interpessoais, Isto é compreender como ele se relaciona dentro do contexto familiar de trabalho ou de comunidade. As relações interpessoais são influenciadas pela personalidade de cada indivíduo, pois ela é que torna cada ser humano único e diferente uns dos outros.

A relação com o outro [...] é marcada pela capacidade de acolhê-la na própria interioridade, estabelecendo com ele, nas diferentes formas, uma relação humana e justa. Esta comunicação de interioridades, colocada no mesmo nível daquela que permite a relação intersubjetiva,[...]. Ao se preocupar pelo outro em nível mais profundo, o sujeito preocupa-se consigo mesmo, o, com seu sentido. Isto ocorre na dimensão interior de existência pessoal, revelada somente no encontro com a pessoa do outro, através do acolhimento recíproco numa comum harmonia. (VALENTINI, 1988, p. 101).

Desenvolver as relações interpessoais é fundamental nela aí está o eixo existencial para que os indivíduos possam atingir uma integração real e um rendimento efetivo.

[...] o ambiente de trabalho pode influir no comportamento das pessoas e, por conseguinte influenciar nas relações interpessoais que por consequência poderá afetar o progresso e os resultados das empresas em todos os sentidos. Esse desenvolvimento pode ser planejado para atender objetivos tanto individuais como grupais. (RELAÇOES..., c2009).

Para o sucesso das organizações existem duas características fundamentais que precisam ser observadas e cultivadas, o desenvolvimento contínuo das relações interpessoais, que é o saber relacionar –se com as pessoas de modo saudável. E uma outra característica é a comunicação forte positiva para poder existir uma interação que seja satisfatória de ambos os lados ;gestor e colaborador .Nesse sentido todo trabalho se torna um grande sistema, que para existir comunicação e informação é primordial a fidelidade e o respeito para a verdade.

“O sujeito, nesse sentido, transforma através do trabalho, a natureza e a si próprio, de forma que o sujeito está na obra e por isso, tende a transformar o mundo à sua semelhança.” (VALENTINI, 1988, p. 103).

É preciso ter equilíbrio entre o desenvolvimento humano e o desenvolvimento organizacional de modo que o indivíduo e a organização possam aproveitar dessa integração num ambiente que auxilie no aprendizado. A arte de aprender acompanha o homem desde a sua concepção, as pessoas buscam conhecimento e aperfeiçoamento em todas as áreas de suas vidas. Essa capacidade da qual o ser humano é dotado pode ser inata como dom ou desenvolvida, mas todos podem ter a proficiência através da prática.

Segundo Passos (2013) que mesmo que as organizações se acham longe da assunção desses valores que direcione uma gestão humana capaz de colocar como meta primeira o social, nessa direção podemos enxergar um novo caminho.

O reconhecimento do talento é uma conquista da organização, mas também um diferencial conquistado através das relações interpessoais e pessoal da empresa.

A substituição da comunicação vertical pela horizontal e o controle pelo compromisso, as normas deixariam de serem imposições para se tornarem orientações. (PASSOS, 2013).

2.11 HUMANISMO E O HUMANITARISMO NAS ORGANIZAÇÕES

Humanismo é o reconhecimento imensurável do ser humano. O humanismo é ao contrário do individualismo e, também, não pode ser confundido com humanitarismo e com a filantropia .

Se humanitarismo como define Passos (2013, p. 90): “[...] se distância de seu conteúdo filosófico e o caracteriza como uma forma de sentimento, ou como senso comum, que coloca o ser humano em relevo, viabiliza alguns de seus direitos, mas de uma forma abstrata e não como um ser histórico concreto e real.”

Em síntese ,o humanitarismo não enxerga a pessoa na sua totalidade com passado presente e futuro, mas dá um enfoque aos sofrimentos da humanidade. E é utilizado para referir-se a um conjunto de atividades relacionadas com o bem estar humano, “humanitarismo é aquele que se esforça para melhorar a situação do ser humano, humanitarista sinônimo de filantrópico. O humanitarismo considera a felicidade do homem como fim , sem referência a outro fim. O humanitarismo tradicional torna o homem enfraquecido porque tira a sua única fonte de felicidade que é Deus.

O humanismo se preocupa com o ser humano na sua integralidade e coloca-o em primeiro plano e não como um meio para se atingir um fim. O humanismo valoriza o ser humano e sua condição acima de tudo.

“Um humanismo puramente teórico pode tornar-se ópio dos intelectuais e traição do homem, sobretudo dos homens que ainda não conseguiram desfrutar da condição humana.”(NOGARE, 1994, p. 16).

O que se deve por na prática dentro das organizações como conceito de humanismo é a mesma visão da espiritualidade como o ser humano na sua totalidade corpo e espírito criado a imagem e semelhança de Deus.

“O caminho que estamos assumindo é ético, pois torna o ser humano como fim. O valor absoluto que se busca por si mesmo e não como meio para atingir outro objetivo.” (PASSOS, 2013, p. 91). Não é suficiente dar emprego e condições de trabalho pagar um bom salário, isso é importante, mas não é essencial, nas organizações espiritualizadas com valores Cristãos o objetivo é dar oportunidade de crescimento.

Assim afirma Passos (2013, p. 91) “[...] ir mais além, desejando e procurando ajudá-lo em sua realização, frente às suas potencialidades e aspirações.”

É necessário promover um humanismo total. Que vem ele a ser senão o desenvolvimento integral do homem todo e de todos os homens? Poderia aparentemente triunfar um humanismo limitado, fechado aos valores do espírito e a Deus, fonte do verdadeiro humanismo. O homem pode organizar a terra sem Deus, mas "sem Deus só a pode organizar contra o homem. Humanismo exclusivo é humanismo desumano". Não há, portanto, verdadeiro humanismo, senão o aberto ao Absoluto, reconhecendo uma vocação que exprime a idéia exata do que é a vida humana. O homem, longe de ser a norma última dos valores, só se pode realizar a si mesmo, ultrapassando-se. Segundo a frase, tão exata de Pascal: "O homem ultrapassa infinitamente o homem." (PAULO VI, 1967).

A espiritualidade dentro das organizações abre um horizonte novo para transformação e mudando a maneira de pensar e de se relacionar que leva cada um a ter não só atitudes virtuosas, mas faz que cada pessoa invista em seu próprio desenvolvimento. Espiritualidade com base cristã nos leva a tríplice dimensão: o da consciência, do Amor e a dimensão de liberdade.

Na dimensão da consciência ele é capaz de perguntar sobre sua existência, na dimensão do Amor, ele é um ser de comunhão que não consegue viver sozinho onde é indispensável o amor a si e ao próximo. A liberdade é um tributo que configura a essência humana que o leva a ser Pessoa Humana. O ser humano dentro das organizações deve ser o patrimônio mais importante.

As organizações que não investem nesse aspecto podem enfrentar sérias consequências, indo desde o absentéismo voluntário ou provocado por doenças

psicossomáticas, a baixa produtividade, o desinteresse e a passividade, até as revoltas e boicotes. A coerção e o controle são instrumentos ineficazes para fazer frente ao problema. Elas não recuperam a autoestima e o compromisso do trabalhador. (PASSOS, 2013, p. 125).

Uma organização saudável se desenvolve a partir de relações saudáveis, de princípios com a Regra de Ouro : “Faça aos outros o que gostaria que fizesse a você”. “O exemplo é a única maneira possível de influenciar aos outros.”

“Quando os comportamentos são praticados de uma forma sistemática ao longo do tempo, mudanças reais e permanentes podem acontecer.” (HUNTER, 2006, p. 89). Está sendo necessário dentro das organizações ter um olhar mais humano para enxergar cada pessoa como “pessoa” e não pensar somente em meros número que se comportam e seguem modelos pré-definidos desprovidos de emoções e sentimentos próprios.

“Quando dizemos que o homem é sempre fim, nunca meio, queremos dizer, antes de tudo, que o homem, a pessoa, representa um valor, Isto é, um ser agradável, amável em si mesmo e por si mesmo”. (NOGARE, 1994, p. 17).

O Ser humano é dotado de liberdade que é um dom dado por Deus, é nessa liberdade que ele deve agir e assumir responsabilidades. Os líderes gestores precisam ter desenvolvido dentro de si essa dimensão para o Amor que um olhar humano e espiritual que transcende a matéria em si.

“Cabe, pois, dizer que o ser mutável existe na medida em que continua numa relação constitutiva com o absoluto.” (CORREIA; SGRECCIA, 2008, p. 293.) o humanismo que precisa ser cultivado nas instituições é o humano espiritual pautado nos valores voltados para Deus. E não deve ser confundido humanismo econômico e o humanitarismo.

Humanismo sem Deus não é humanismo. Como enfatiza o Papa João Paulo II (1995) nos nº 22e 23.

Na realidade, vivendo « como se Deus não existisse », o homem perde o sentido não só do mistério de Deus, mas também do mistério do mundo, e do mistério do seu próprio ser. O eclipse do sentido de Deus e do homem conduz inevitavelmente ao materialismo prático, no qual prolifera o individualismo, o utilitarismo e o hedonismo. Também aqui se manifesta a validade perene daquilo que escreve o Apóstolo: Como não procuraram ter de Deus conhecimento perfeito, entregou-os Deus a um sentimento pervertido, a fim de que fizessem o que não convinha (Rm 1, 28). Assim os valores do ser ficam substituídos pelos do ter.

As organizações vem sendo dominadas por uma cultura de retornos e sem pensar no bem estar das pessoas, As máquinas estão ocupando os lugares dos seres vivos, com isso, as organizações não terão vida e principalmente não terão alma.

Sem vida e sem alma, a mão de obra humana passa a ser só fonte de lucro e é facilmente descartada e trocada por outra. Onde o ser humano é usado para adquirir lucro, o humanismo é manipulado e o executivo adota um perfil frio e inflexível. O mercado se torna o centro e o bem supremo que estimula-se a concentração de riquezas.

Assim comenta Leão XIII (1891) "O que é vergonhoso e desumano é usar dos homens como via de instrumentos de lucro, e não os estimar senão na proporção do vigor dos seus braços".

As relações humanas estão sendo objetos de consumo e isso conduz às relações afetivas sem compromissos, o passado está perdendo o seu valor diante de tantas exclusões.

Em muitos ambientes, e de maneira geral nesse humanismo economicista que se impôs no mundo, ganhou espaço a cultura da exclusão, a "cultura do descartável". Não há lugar para o idoso ,nem para o filho indesejado ;não há tempo para se deter com o pobre na estradas. Às vezes parece que, para alguns, as relações humanas sejam, regidas por dois "dogmas" modernos: eficiência e pragmatismo. (PAPA FRANCISCO,2014 pg53.).

A espiritualidade tem um olhar direcionado para Deus e outro para a pessoa humana, essa deve ser a razão de existir das estruturas organizacionais, uma nova maneira reger de pensar as organizações, a pessoa humana, os valores religiosos, morais e éticos precisam ser integrado para criar um comprometimento responsável onde o conhecimento de si mesmo e da empresa faz com que o indivíduo tenha uma participação mais afetiva no ambiente organizacional.

Ao desenvolver e contemplar as dimensões espirituais e intelectuais de seus trabalhadores esta se agregando valor e significado ao trabalho, mensurando assim resultados. Um motivo para se buscar a espiritualidade é ajudar as organizações a atingir uma excelência com responsabilidade a partir da cultura do encontro e ensinar a amar o trabalho que se realiza e a função que se desempenha.

"Ser capaz de assumir responsabilidade pelos próprios atos é uma necessidade humana, que os líderes devem ajudar a desenvolver em seus liderados". (HUNTER, 2014, p. 89). A espiritualidade incentiva a desenvolver o compartilhamento de vida de experiências e de talentos.

A empresa é um organismo que precisa descobrir o seu valor transcendental, e a espiritualidade é um pilar importantíssimo, pois ela dá sustentação ao humanismo. Nela está a alma da empresa.

"Assim define Matos (2011, p. 112). Essa luz que está no coração do homem, precisa ser resgatada, fortalecida, ampliada e convertida em consciência humana. É aí que reside a

alma da empresa”. Nesse sentido precisa-se repensar um dos caminhos da espiritualidade, que é a ética comunitária, que pode ser resumida em duas palavras: faça o bem.

Toda organização não vive para si, mas para a sociedade, e transformando o coração da empresa automaticamente sociedade será transformada.

“Colossos empresariais ruíram, ao longo da história, simplesmente porque foram incapazes de tomarem consciência de que possuíam uma alma a ser preservada”. (MATOS, 2011, p. 112).

Será essencial a recuperação da demissão humana de uma racionalidade do não instrumental, baseada no “agir comunicativo” entre indivíduo que tem corpo e alma e é um sujeito livre, de caráter independente em relação à dominação técnica. Pois a distorção dessa realidade impede uma relação plena entre pessoas.

2.12 ESPIRITUALIDADE E A ÉTICA: SUA INFLUENCIA NO COMPORTAMENTO HUMANO

A ética é o modo de ser é um conjunto de valores e princípios morais que orienta uma pessoa e a sociedade. Nesse sentido ela serve para dar equilíbrio e um bom funcionamento da sociedade e propicia que ninguém fique lesado. Cada sociedade e cada grupo possui seu código que norteiam suas atitudes.

“A ética está na práxis. Há uma sintonia entre os costumes e a boa conduta, pois a ética não está nem poderia estar fora dos costumes. O desafio filosófico é encontrar, no campo dos costumes, as pistas para o bem”. (BUCCI, 2000, p. 17).

Toda pessoa possui um senso ético, uma consciência moral, por isso está sempre avaliando e julgando suas ações. Ética é uma característica da pessoa humana, muito importante na formação da realidade social. A ética é a arte de administrar a própria liberdade.

Uma sociedade mais humana que preconiza igualdade e condições de vida para todos, devem ter sua ética baseada em valores que promovam a vida e o desenvolvimento de bons hábitos. Todo ser e pessoa que sobrevive não só espiritualmente, mas que convive em sociedade dentro de uma organização onde cumpre seus deveres com responsabilidade e é capaz de dar as respostas a partir de suas convicções morais.

”Portanto, existem morais particulares, mas ética é sempre de um grupo, sempre de uma estrutura maior, porque não existe razão para você ter princípios de condutas e valores se você vive só”. (CORTELLA, 2007, p. 110-111).

Todos os grupos e todas as pessoas possuem um código de ética que regem suas atitudes e comportamentos. As organizações que desenvolvem e cultivam uma espiritualidade que transcende para Deus, é capaz de formar uma cultura ética que seja capaz de interpretar a necessidade e promover a excelência em servir e transformar a sociedade, criando uma credibilidade organizacional.

“Assim, a prática da ética é o único meio de alcançar a felicidade. Esta é a finalidade Ética. Ela nos oferece o caminho para alcançar uma vida moralmente boa e, através dela a felicidade. Ser feliz é o resultado do hábito do bem agir.” (ALONSO; LÓPEZ; CASTRUCCI, 2012, p. 4).

A condição da produtividade está em ser feliz. A ética implica em comportamento competente e dita normas para um melhor relacionamento interpessoal. O saber ouvir, comprometer-se, ser tolerante buscar a cooperação,... etc.” Ser ético implica em conviver com ética”. (MATOS, 2011, p. 102).

Um dos principais temas da ética é o ser humano, só é possível falar de ética quando falamos de pessoa.

”É fundamental o fato que o homem se autogoverna: ele é quem age e determina. O ser humano está dotado por assim dizer, de motor próprio”. (ALONSO; LÓPEZ; CASTRUCCI, 2012, p. 6).

Quando se estuda a natureza humana se conclui que estamos perante uma criatura livre e que constrói sua própria vida, mas essa construção deve ter fundamento e princípios e atitudes que transformem a vida das organizações e a sociedade. Se não houver esses princípios seremos uma sociedade de pessoas frustradas. O resultado é a valorização da vida e realizar-se na realização.

O ser humano como um ser livre e espiritual, é um ser cuja principal finalidade na vida é dar expressão à sua própria natureza tendo em mente que ele é imagem e semelhança de Deus que nasceu e, vive e trabalha e está em busca da felicidade .

A felicidade é o sinal do auto desenvolvimento humano, isto é do pleno desenvolvimento das faculdades superiores humanas; ela resulta do aperfeiçoamento permanente e avança pela prática das virtudes e da contemplação de Deus, que por sua vez é facilitada pela ataraxia ou estado de serenidade interior. (ALONSO; LÓPEZ; CASTRUCCI, 2012, p. 20).

A ética é a expressão da personalidade das pessoas, ela dá a cada indivíduo seus valores morais, mas compete ao mesmo a responsabilidade por suas ações. Quanto as

organizações para serem vista eticamente devem responder pelas suas atitudes sociais, e o desenvolvimento individual de cada um seus colaboradores

A maturidade humana espiritualidade é essencial para garantir que tenhamos organizações éticas fundamentadas nos valores espirituais que são capazes de transcender

“A ética é objetiva e universal; transcende as pessoas. Transcender significa exceder, ultrapassar, ir além de; assim, podemos dizer que o sol transcende a lua, porque é maior, está mais longe, a ilumina.” (ALONSO; LÓPEZ; CASTRUCCI, 2012, p. 10).

”Pensar Ética é Pensar Bem Comum e realização duradoura. Pensar Ética é Pensar totalidade, a integralidade do Ser. (MATOS, 2011, p. 194).

A Espiritualidade a Ética e o Amor doação pelo ser humano são atitudes praticadas e exemplos vividos no cotidiano da vida independente do ambiente que se esta inserido.

Segundo Matos (2013) A essência da ética é o amor, pois através da solidariedade preza -se pelo bem comum. A essência da empresa é a ética, que tem como missão interpretar necessidades promovendo excelência para bem servir o cliente. Renovando as pessoas teremos uma organização em constante renovação. Todo ser humano possui condições para agir eticamente mas precisa aprender .

Ele só se torna honesto operando coisas honestas ,se torna justo operando coisas justas se torna forte operando coisas fortes.

Enfim ,não se pode reduzir ética a proibições ,censuras ,obediência a lei ,e sim considerá-la como um caminho capaz de proporcionar aos indivíduos condições de escolha de forma livre consciente e responsável e, nesse sentido ,é de grande valor a formação e a informação. Afinal, não se pode exigir que alguém ou algo e, muito menos, que seja responsável por ele se não tiver a oportunidade de conhecê-lo .(PASSOS 2013, p. 158).

Toda transformação ocorre a partir do ser humano se ele for bem formado e informado a partir de valores éticos fundamentados na espiritualidade cristã , podemos não só transformar as organizações, mas o mundo, pois toda mudanças se inicia no interior do ser humano ,essa é a mais longa viagem de todas as organizações.

Líderes e liderados precisam embarcar nessa viagem se quiserem obter resultados melhores.

2.13 ESPIRITUALIDADE E RESULTADOS QUE PODEM SER MENSURADOS

Para Boff (2001) o ser humano sonha e sempre acrescenta algo ao real para além daquilo que é dado e feito, é um ser de abertura, potencial, utópico, é um ser nunca pronto.

A espiritualidade está ligada às explicações e as práticas exercidas por cada indivíduo. É no ser humano que se deve procurar o resultado final dentro das organizações.

“As pessoas nem sempre se lembram de que a política, economia e a organização [...] pertence ao reino dos meios, e não dos fins.” (RUSSELL, 1956, p. 134). Os resultados devem ser mensurados pelo grau de satisfação que cada indivíduo demonstra no ambiente onde exerce suas atividades, com comportamentos coerentes, alegria, pessoas menos estressadas com mais satisfação com o trabalho, com mais criatividade, que conseguem trabalhar bem em equipe, que são resilientes e mais assertivos. Esses são índices mensuráveis de lucro nas organizações que se preocupam com o seu maior capital, *o ser humano*.

“É nos indivíduos e não no conjunto, que se deve procurar o valor final. Uma boa sociedade é um meio de alcançar uma vida boa para os que a compõem, e não algo que tenha uma espécie a parte de virtude por si mesma.” (RUSSELL, 1956, p. 134).

As organizações com espiritualidade mensuram seus resultados pelo grau de satisfação e felicidade de seus colaboradores e membros que fazem parte de seu sistema.

Nesse novo modelo de pensar as organizações, o lucro é consequência de uma equipe responsável e feliz.

Olhar as organizações a partir da Espiritualidade fundada em valores elimina a cultura do descarte e contraria o poder econômico onde o ser humano é valorizado pelo que produz.

Para Dalai-lama, citado, por Boff (2001), a espiritualidade produz no ser humano mudanças interiores, mas essas mudanças não começam e nem terminam no interior de pessoa. A partir do interior, ela desencadeia uma rede de mudanças ao seu redor, seja na comunidade onde vive, na sociedade, nas relações interpessoais, com a natureza, enfim com o universo.

A partir daí podemos citar uma frase de Paulo Freire (2004), somos seres inacabados e em construção permanente, por isso nunca estamos prontos, sempre em constante mudança, sempre estamos sendo construído em todos os aspectos: físico; psíquico; social e culturalmente.

E a espiritualidade está atrelada a todos esses aspectos, porque ela é a nossa consciência interior, é uma jornada pessoal, particular, que se exterioriza no nosso dia a dia, inclusive no trabalho, a espiritualidade madura se expressa em produtividade.

E como isso pode acontecer? Através de empresas mais humanizadas, é necessário desenvolver uma cultura aberta, participativa e enriquecedora, em que o diálogo e as negociações sejam as regras básicas da conduta. Assim, com esse fio condutor será gerado um clima motivador de mudanças de atitudes.

Diante desses aspectos, uma empresa que opta pela espiritualidade terá o melhor pessoal para adaptar-se às mudanças e, principalmente, as melhores ferramentas que gerarão mudanças. Essa é a empresa do futuro que tem como foco o capital humano, que valoriza o conhecimento e as habilidades pessoais e sabe que todo o ser humano é um ser espiritual e como tal deve ser valorizado.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema abordado nos leva a compreender que as organizações seja qual for seu formato ou constituição não poderá sobreviver sem a dimensão espiritual pois na verdade somos o que pensamos e temos não o que queremos mas aquilo que cremos. Devemos cuidar além de nossas ações, de nossos pensamentos e atitudes, que geram não só materialidade e o lucro pelo lucro.

O desenvolvimento da espiritualidade questiona os paradigmas para dar uma nova visão de mundo dentro das organizações, em particular no contexto da administração. Nesse novo jeito de pensar somos todos aprendizes de um novo paradigma em que a vida é muito maior do que pensamos; somos mais do que matéria e navegamos pelos tempos trocando aprendizagem. Somos uma forma de energia que emana da Criação de Deus

Evitar a fragmentação do ser humano é ter em vista a qualidade de vida da pessoa e da empresa. Vivenciar a harmonia e cultivar valores para um maior desenvolvimento da personalidade do indivíduo é fazer compreender que, o lucro é consequência das relações e inter-relações de indivíduo, que sabe conviver em harmonia com a natureza e pensa o mundo e a organização como nossa casa de humanos, e que toda e qualquer atitude inadequada ou fragmentada pode nos destruir, pois somos parte intrínseca da natureza humana e espiritual e qualquer coisa que atente contra ela recairá sobre nos mesmos.

Os líderes devem influenciar pessoas para trabalharem entusiasticamente, na busca de objetivos identificados como sendo para o bem comum. O mundo contemporâneo, a tecnologia e o consumismo fazem com que o ser humano viva na superficialidade da vida sem questionar o porquê de sua existência e, isso também pode estar acontecendo no mundo empresarial.

As organizações só existem se houver seres pensantes e, esses, são constituído de corpo e sentimento e espírito, a fragmentação de um desses itens pode ser a causas das doenças mais comuns do trabalhado como: estresse, depressão e outras. O desenvolvimento de uma espiritualidade faz com que se dê sentido ao que se está construindo, usufruindo de lucro maior. Humanizar a empresa é humanizar a sociedade como um todo.

Para aplicar intrinsecamente de maneira mais profunda seus conhecimentos é preciso pensar na globalização do social e da sociedade, e não perder de vista que o homem é criado a à imagem e semelhança de Deus.

Hoje, o dar sentido ao que se faz, dentro da espiritualidade é igual mensurar resultados.

Como percebemos implantar espiritualidade em uma empresa, não é instituir uma religião, mas adotar princípios e valores no campo do inter-relacionamento pessoal, que sejam comuns a todas as crenças, ou melhor dizendo a aplicação do necessário respeito e valorização do próximo, esses valores respeito e valorização do Capital Humano são os pilares necessários para a produtividade empresarial.

E isso se dá através de ações entre empresa e colaboradores que buscam estabelecer um clima de cooperação mútua e de respeito, atitudes que levarão à religiosidade e dentro deste contexto surgirão novos e fortes valores que implicarão no surgimento da responsabilidade social obtendo a verdadeira ética empresarial.

As Organizações, a partir da sua autonomia precisam contribuir com uma sociedade mais ética, proporcionando um ambiente apropriado, visando o crescimento pessoal, que gerará atitudes proativas; responsabilidade social e também da sua fonte de riqueza que leva gerar o lucro compartilhado. E quem contribuirá com tudo isso? O ser humano, onde está a fonte inesgotável de saber.

Nesse sentido ,torna-se fundamental que as empresas adotem programas que valorizem seus colaboradores ,desenvolvendo a espiritualidade como conteúdo integrante base da formação humana profissional

Segundo o anexo de Mondin a espiritualidade faz compreender que a pessoa humana tem duas dimensões que a angustiam e questiona que é a dimensão do o seu próprio ser e a dimensão suprema que é Deus esse conteúdo citado contribuiu muito com o tema que foi desenvolvido .O ser humano é parte da natureza e não só um produto da cultura. Ele é espírito porque tem em seu ser a semelhança a Deus, que é humano e divino.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Ruiz Felix; LÓPEZ, Francisco Granizo; CASTRUCCI, Lauro de Plínio. **Curso de Ética em administração Empresarial e Pública**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

BACHEFONTAINE, Cristina de Paul. **Espiritualidade nas empresas mundo da saúde**. São Paulo: Aparecida, 2007.

BENTO XVI. Sumo Pontífice. **Caritas in Veritate**: sobre o desenvolvimento humano integral na caridade na verdade. São Paulo: Paulinas, 2009.

BOFF, Leonardo. **A espiritualidade**: um caminho de transformação. São Paulo: Sextante, 2001.

BUCCI, Eugenio. **Sobre Ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CORREA, Juan de Dios Vial; SGRECCIA, Elio. **Identidade e estatuto do Embrião Humano**. Belém: Centro de Cultura e Formação Cristã da Arquidiocese de Belém, 2008.

CORTELLA, Mario Sergio. **Qual é a tua obra?** Petrópolis: Vozes, 2007.

DANON, Marcella Counseling. **Uma nova profissão de ajuda**. Curitiba: IATES, 2003

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. São Paulo; Paulus, 2013.

_____. Papa. **A Igreja da Misericórdia**. São Paulo: Paralela, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários, práticas educativas. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GRESPLAN, Jorge. O que é importante para conhecer o "homo economicus". **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 out. 2002. Sinapse. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u207.shtml>>. Acesso em: 2 nov. 2014.

HUNTER, James. **Como se tornar um líder servidor**. Tradução de A. B. Pinheiros Lemos. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

JOAO PAULO II, Papa. **Carta encíclica Evangelium Vitae**. Vaticano: Vaticana, 1995.

_____. ,Papa. **Catecismo da Igreja católica**. São Paulo:Loyola,2000.

LEAO XIII, Papa. **Carta Encíclica Rerum Novarum**.Vaticano. Vaticano: Vaticana, 1891.

MATOS, Francisco Gomes. **Ética na gestão empresarial**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

MONDIN, Batista. **Os valores fundamentais**. Bauru; Edusc, 2005.

NOGARE, Pedro Dalle. **Humanismo e Anti-Humanismo**: introdução a antropologia filosofia. 13. Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Admardo S. et al. **Introdução ao pensamento Filosófico**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

PACINI, Dante. **Síntese e Hipótese do ser Humano**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1967.

PASSOS, Elizete. **Ética nas organizações**. São Paulo: Atlas, 2013.

PAULO VI, Papa. Carta Encíclica Populorum Progresso. **Vatican**, 1967. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum_po.html>. Acesso em: 2 nov. 2014.

_____. Gaudiun ET Spes. **Vatican**, 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em: 2 nov. 2014.

PESSINI, Leo. **Bioética**: Um grito por dignidade de viver. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

RELAÇÕES interpessoais. **Web Artigos**, c2009. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/relacoes-interpessoais/26749/->>. Acesso em: 5 out. 2014.

RUSSELL, Bertrand. **A Autoridade e o Indivíduo**. Tradução: Agenor Soares Santos et .al . rev. e aum. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

VALENTINI, Luigino. **O caminho fenomenológico do fazer**: transcendendo as lógicas do trabalho. São Paulo: C.I, 1988.

VILELA, Orlando. **A pessoa humana no mistério do mundo**. 2ªed. Petrópolis:vozes.1971.

CHIAVENATO, Idalberto, **Recursos humano**, ;o capital humano das organizações. 8ªed. São Paulo: Atlas, 2008.

ANEXO 1 - QUEM É A PESSOA HUMANA?

Batista Mondin

INTRODUÇÃO

O objetivo constante da filosofia foi, sempre, praticamente um só: conhecer o homem, ou seja, conhecer a si mesmo. Isso não foi afirmado somente por Sócrates, Agostinho ou Descartes mas também por Kant. Este último, num famoso parágrafo de sua lógica escreve,

"O campo da filosofia pode ser delimitado nas seguintes questões: 1ª) O que eu posso saber? 2ª) O que eu devo fazer? 3ª) O que posso esperar? 4ª) O que é o homem?(Wasist der Mensch) ".

A primeira pergunta se refere à metafísica, a segunda à moral, a terceira à religião. Observa, porém, o próprio Kant, que as três primeiras podem ser reduzidas à última questão, pois, tudo se fundamenta no próprio homem:

"No fundo, tudo isto se poderia reduzir à antropologia, porque as três primeiras perguntas se referem à última". 1

A história da filosofia nos ensina, além disso, que os principais pontos de vista no estudo do homem são quatro:

- o ponto de vista da natureza, (que é o ponto de vista clássico) no qual o homem vem concebido como microcosmo;
- ponto de vista de Deus, (que é aquele dos Padres dos primeiros tempos da Igreja e dos Escolásticos), por ele o homem vem concebido como Imago Dei;
- ponto de vista do Eu (que é aquele da filosofia moderna), no qual o homem é concebido como subjetividade autoconsciente;
- o ponto de vista do Outro (que é aquele da pós-modernidade), onde o homem é concebido como um ser dialógico.

De fato, uma compreensão completa do homem deve levar em consideração, além do Eu, também o Outro, o Mundo, e Deus. O homem não é uma ilha dispersa no oceano, nem uma mônada, fechada em si mesma e sobre si mesma, mas, um ser coexistente e comunicante, um ser excêntrico dotado de uma abertura infinita, graças à qual se move constantemente em três direções: em direção ao mundo, à natureza, em direção aos outros, o próximo e em direção a Deus.

A relação que o homem tem consigo mesmo não é uma relação de coincidência imediata com o próprio ser, mas uma relação que deve realizar um longo caminho que passa por três vias: o próximo, o mundo e Deus. Isso depende do fato de que o homem não entra neste mundo como uma obra já inteiramente completa, totalmente definida, mas, principalmente, como um projeto aberto, a ser definido, a ser realizado e que, na definição e realização de si mesmo, deve ter em conta três coisas: o próximo, o mundo e Deus.

Como escreveu Santo Agostinho em Solilóquios, duas são as questões que mais interessam e angustiam a razão humana: a primeira questão, é a mais querida, porque interessa diretamente ao nosso ser; a segunda, é mais preciosa, porque se refere ao ser supremo. Nenhuma das duas questões pode ser resolvida definitivamente, como, por exemplo, a questão do egocentrismo ou da constituição do átomo. Trata-se, além disso, de questões profundamente pessoais que cada um deve enfrentar por conta própria. Para resolvê-las, os fatores da tradição e do contexto cultural no qual se trabalha e se vive têm sempre uma grande importância.

A época moderna, eminentemente antropocêntrica e carregada de subjetividade, como definiu Hegel, tinha pretensão de resolver o problema do homem, eliminando a questão de Deus, mas essa via conduziu os pensadores ao Niilismo, onde, juntamente com Deus, caiu também o homem. O homem, segundo a célebre sentença de Sartre, tornou-se uma paixão inútil. Nós, pensadores, que estamos atravessando o deserto que se estende entre a modernidade e a pós-modernidade, nos defrontamos com o problema do homem, sem a confiança enganadora que a modernidade depositava na razão, mas sem aquela angústia desesperada que caracteriza a direção mais barulhenta da pós-modernidade, aquela que leva o nome de pensamento frágil.

Da fenomenologia à metafísica: esse é o itinerário seguido por Aristóteles, Santo Agostinho e São Tomás na antropologia que lhes era própria. São Tomás reconhece que o estudo da alma é uma coisa tão árdua que requer diligens et subtilis inquisitio², diligente e sutil inquisição. Da alma, ou seja, do próprio eu não existe nenhum conhecimento direto, imediato, existe apenas uma intuição da existência, mas não de sua natureza. À descoberta da natureza da alma se chega, somente, através do estudo das obras, das operações, às quais, por sua vez, se revelam somente através do objeto, ou seja, das próprias obras, mas qual é a operação global, aquela que majoritariamente inclui, que mais induz, que abraça todas as outras e é, portanto, o conjunto de características mais.

No entanto, ao olhar cuidadoso, existe uma atividade superior que é realmente totalizadora, porque abarca todas as atividades que nós chamamos de cultura. De fato ela

abraça todos os produtos especificamente humanos. Segundo uma das definições mais comuns, a cultura é o conjunto de todas as atividades e de todos os produtos que são frutos da iniciativa e da genialidade do homem. Eis, portanto, o nosso ponto de partida na exploração do grande mistério que é o homem. A nossa primeira definição do homem é aquela que diz que ele é um ser cultural (e não natural). As definições sucessivas serão: ser livre; ser espiritual; ser subsistente, quer dizer a pessoa, ser coexistente e proexistente e, ser agápico e transcendente.

PRIMEIRA DEFINIÇÃO: SER CULTURAL

Ao homem se deram e se podem dar inumeráveis definições, desde aquela humorística de Platão, um bípede sem penas, àquela muito séria de Hegel, aquilo porque o homem é homem, é o espírito, e aquela universalmente conhecida de Aristóteles, animal racional, e aquela menos conhecida de Cassirer, mas da mesma forma significativa, um animal simbólico. Mas uma das definições mais objetiva, é aquela que considera o homem como ser cultural. Essa definição está no meio termo entre as duas concepções antitéticas do homem. A concepção naturalista, típica do mundo clássico e aquela historicista, própria do mundo moderno. E é também uma definição mais adequada, porque o homem não é como as plantas e os animais, um puro produto das leis da natureza, e não é nem o resultado de uma prodigiosa auto tese, isto é, fez-se sozinho, mas é fruto de uma sápiete colaboração entre natureza e cultura.

A filosofia clássica Platão, Aristóteles, Zenon, Plotino e outros, considerava o homem como um ser natural, constituído de uma essência imutável que lhe foi dada pela natureza, da qual derivam não só as leis biológicas, mas também os ditames morais. Age segundo a natureza, dizia o imperativo categórico da filosofia grega. Era claramente uma concepção estática do homem, fundada sobre o primado do intelecto sobre a vontade, da contemplação sobre a práxis, da natureza sobre a história.

A filosofia moderna realizou uma mudança radical. Não o vê mais apenas como uma criação da natureza, mas como um produto de si mesmo. O homem é o artífice de si mesmo. É a tese de Hegel, de Nietzsche, de Sartre, de Heidegger e da maior parte dos filósofos modernos. Numa concepção historicista do homem, baseada no primado da liberdade sobre a inteligência, da prática sobre a teoria, da existência sobre a essência, da história sobre a natureza. No plano moral não existe nenhum outro imperativo fora daquele de traduzir em ato a própria possibilidade, (a própria potência!).

Entre essas duas posições antagônicas existe uma mediação, a qual não considera o homem nem como ser natural, nem simplesmente como ser histórico, mas como ser cultural.

O homem não é somente um produto da natureza e nem apenas da história, mas é constituído, em parte pela natureza e tem parte pela história, é o amálgama (sínodo) entre a natureza e a história, é obra da cultura.

Nem tudo no homem é produto da cultura. Muito de quanto existe nele pertence à natureza. Toda dimensão somática e biológica é produzida diretamente pelas forças da natureza. Aquele pequeno ser humano que vem à luz depois de nove meses de gestação é fruto das leis genéticas que a natureza escreveu no corpo dos pais. Os organismos e as faculdades de que são unidos, tanto a criança como o adulto, vêm da natureza. Também um grande número das atividades somáticas e psíquicas que nós desenvolvemos dependem das leis da natureza. Todas as ações que realizamos por necessidade e instinto são produzidas em nós pela natureza; por exemplo, a digestão, a respiração, a pulsação do coração, a circulação do sangue, os movimentos involuntários com que respondemos aos estímulos e as manifestações agressoras, como quando fechamos os olhos diante da luz muito forte etc. Aqui não sou efetivamente eu que ajo, mas um sujeito-coisa em mim mesmo e em torno a mim. É o meu sistema Psicossomático, o ambiente natural e sociológico, a situação histórica, tudo aquilo que se realiza sem a minha cooperação³.

Grande parte daquilo que nós possuímos e que fazemos desde criança não é fruto da natureza, mas sim da cultura. Essa é a característica mais destacável, aquela que mais distingue o homem dos animais e das plantas. Diversamente dos outros seres vivos, cujo ser é inteiramente produzido, pré-fabricado pela natureza, o homem é em grande medida o artífice de si mesmo. Enquanto as plantas e os animais sofrem, no ambiente natural em que se encontram, o homem é capaz de cultivá-lo e de transformá-lo profundamente, adequando-o às próprias necessidades.

A cultura não é uma roupa que se vista ou se dispa ao próprio prazer, não é qualquer coisa acidental ou secundária, mas é um elemento constitutivo da essência do homem, ela faz parte da natureza humana. Sem a cultura não é possível existir nem a pessoa individualmente, nem o grupo social. No passado, para distinguir o homem dos outros seres, nos baseávamos na sua racionalidade e na sua vontade ou sobre a sua liberdade ou sobre a sua linguagem ou sobre a sua técnica ou a sua religião etc. Hoje se compreende que um aspecto, um traço, uma dimensão do homem que o especifica ou o caracteriza, pertence a sua cultura. Como se observou, ela abraça todas as dimensões do fazer humano e a todas resume: a razão, a vontade, a liberdade, enquanto condições subjetivas necessárias para produzir cultura; a

linguagem, a técnica, a religião, a arte, literatura, etc. E que são produtos eminentemente culturais.

O homem não é somente o sujeito ativo da cultura, mas também o sujeito passivo; ele não é só o artífice, mas também o produto principal. Devemos, de fato, reconhecer que a tarefa primeira e principal da cultura não é construir casas, carros, trens, navios, aviões, computadores, bombas etc., em outras palavras, construir o mundo. Sua tarefa principal é construir o homem, um projeto de humanidade que seja adequado à dignidade e à exigência da pessoa humana. O homem, como se viu, não é um edifício pré-fabricado que basta simplesmente montar, como hoje se faz com casas, pontes, escolas, igrejas etc.. Ele deve se construir com suas próprias mãos, cultivando a si mesmo. O objetivo primário da cultura é promover a realização da pessoa. Eis aqui a nossa primeira e preliminar definição do homem: o homem é essencialmente um ser cultural.

SEGUNDA DEFINIÇÃO: HOMEM SER LIVRE

A condição essencial que faz do homem um ser cultural é a liberdade. Graças à ela que ele consegue aquilo que os animais obtêm mediante os instintos. É por instinto que o animal se nutre, se cobre, se defende, se acasala. É por instinto que desenvolve as próprias atitudes, a corrida, a luta, o canto etc.. É por instinto que busca aquilo que é bom para si mesmo e para a sua espécie. O animal, instintivamente, se realiza e o faz perfeitamente, num tempo breve, poucas semanas ou poucos meses. O homem, ao invés disso, se realiza gradual e livremente. Na liberdade confluem as melhores energias do homem, que são o conhecimento e a vontade. O ato livre não é um ato cego, instintivo, mas é um ato da vontade iluminada pela razão. Como bem disse São Tomás: o ato livre requer duas condições: o consilium ou judicium que cabe ao intelecto e a electio, escolha, que pertence a vontade 4.

Os escolásticos costumam distinguir três gêneros de liberdade: exercitii (querer e não querer), specificationis (fazer esta ou aquela coisa), contrarietatis (fazer o bem ou o mal). Estas distinções são importantes, mas referem-se, antes de tudo e sobretudo, à realização do homem: fazer ou não fazer o homem, fazer este ou aquele tipo, este ou aquele modelo de homem, realizar bem ou realizar mal o homem.

Graças à liberdade o homem não se torna somente de sujeito moral, responsável pelas próprias ações, digno de prêmio ou castigo, de louvor ou de lamento, como costumam assegurar muitos filósofos, moralistas e juristas. Isto é sem dúvida verdadeiro. A liberdade assegura à moral uma *conditio sine qua non*; Kant a qualifica como *conditio*

essendimoralitatis. Mas a função da liberdade não é simplesmente aquela de garantir uma conotação ética ao agir humano, tanto que podemos qualificá-lo como bom ou mal, justo ou injusto. A liberdade faz pelo homem muito mais: a sua função, antes mesmo que ética ou jurídica, é antropológica e ontológica. A liberdade é dada ao homem para que ele possa realizar a si mesmo, seu próprio ser; porque ele realiza aquilo que a natureza apenas começou a esboçar. Sobre este aspecto Sartre afirma muito bem: a liberdade permite ao homem tornar-se o artífice de si mesmo. Pela realidade humana, escreve Sartre ser quer dizer, desabrochar, desenvolver-se, nada lhe vem de fora nem de dentro que se possa receber e aceitar.

É completamente abandonado, sem nenhuma forma de ajuda, até a insustentável necessidade de fazer-se, desde o menor detalhe. Assim, a liberdade não é um ser: é o ser do homem, isto é, o seu nada de ser. Se se concebia antes o homem como pleno, seria absurdo buscar nele, em seguida, momentos e espaços psíquicos em que ele seria livre: equivaleria a buscar o vazio num recipiente que antes se enchia até transbordar. O homem não pode ser para algumas coisas livre e para outras escravo: é todo inteiro e sempre livre ou não o é de fato'.

A segunda definição diz que o homem é essencialmente livre. A realização do ser do homem é confiada à sua liberdade. O homem pode e deve cultivar a si mesmo: é objeto e também sujeito da cultura porque é livre. A liberdade, da qual o homem é essencialmente dotado, é feita justamente para isto: para a realização do ser do homem.

TERCEIRA DEFINIÇÃO: O HOMEM É ESPÍRITO

Que o homem seja espírito não é coisa óbvia. O que é óbvio é exatamente o contrário: que o homem é matéria, corpo, sujeito à degeneração e à corrupção. Por este motivo, Nietzsche que usava aquilo que a sua experiência imediata percebia, declarava que o homem é corpo e somente corpo. A espiritualidade do homem é, portanto, argumentada e demonstrada. Não por isso a espiritualidade se toma um fenômeno secundário, acidental: um epifenômeno da matéria, como sustentava Marx. A sua não evidência nada diz a propósito da sua importância e do seu valor. Também Deus é inevidente e, mesmo sendo de todas as realidades aquela menos evidente, é valor máximo, valor absoluto.

A definição do homem como espírito é implícita nas duas definições precedentes, do homem como ser cultural e como ser livre. De fato, a espiritualidade não dispensa a matéria, a necessidade e o instinto, e é requisito da liberdade que é isenção da necessidade e domínio sobre a matéria. Da espiritualidade do ser profundo do homem a que costumamos dar o nome

de anima, existem muitos indícios: consciência, a reflexão, contemplação, o colóquio, a adoração, a auto transcendência etc.. Mas o indício mais certo, porém é a liberdade. Esta é, de fato, a condição própria do espírito: *libertas est conditio essendispiritualitatis*

O espírito, e somente o espírito, é essencialmente livre. O espírito sopra onde quer: *spiritus ubi vult spirat*. A liberdade que se exprime de mil modos e que no homem é sem limites, como sublinhou Sartre, o qual contrapondo-a a um ser gélido, opaco, inerte, faz dele um nada, *l'ennéant* ? exibe um documento válido e convincente, aliás o documento mais importante e decisivo do fato que o ser do homem não pode ser reduzido à matéria e às suas forças e que, ao invés, ele abraça, além da dimensão corpórea somática e material, também uma dimensão espiritual, porque não se compreende, e não se explica, como o homem possa sentir? Se livre em relação a tudo aquilo que já fez, que já obteve, que já realizou e ainda fazer hipóteses para si, para a sociedade e para o mundo inteiro sobre condições de vida, que prescindido do tempo, da matéria, do espaço e da quantidade, realizem todas as condições de aperfeiçoamento possível, se ele mesmo, é inteiramente sujeito à categoria do tempo, do espaço, da quantidade e da matéria. Somente uma realidade imaterial e espiritual pode fazer isso.

O homem com a sua soberana liberdade se eleva, incessantemente, além dos limites de espaço e tempo que o circundam. Sobrevoa o mundo inteiro da experiência, avalia e julga o presente e o passado e pode também prefigurar-se e programar seu futuro, porque leva consigo um elemento de imaterialidade e de espiritualidade; porque possui uma dimensão interior de natureza espiritual: a alma, a mente e o espírito.

Radhacrishnan, máximo filósofo indiano do século XX, escreveu:

O verdadeiro humanismo nos ensina que existe no homem alguma coisa de maior do que aquilo que aparece à sua consciência ordinária, algo que gera ideias e pensamentos, uma presença espiritual mais sutil, que o torna insatisfeito de suas conquistas puramente terrenas. A única doutrina que pode apresentar uma antiga linguagem intelectual é aquela que se baseia na ideia de que a condição ordinária do homem não é a sua essência mais íntima: que existe nele um ser mais profundo, que se chama, sopro vital, espírito, alma ou mente⁶..

Não obstante as aparências que exercem forte chamado em direção à dimensão material, corpórea, somática e, não obstante, as diabólicas mistificações de uma cultura leiga que busca com todos os meios estender um vasto véu de fumaça sobre a esfera do espírito, este é no homem, o que mais conta e o que representa o ser mais profundo e mais duradouro. O homem é, antes de tudo e sobretudo, um ser espiritual, um espírito encarnado, segundo a bela expressão de Gabriel Marcel e Emmanuel Mounier. Nós que nos interrogamos sobre o

homem, que nos escutamos, que nos falamos, que conversamos, que dialogamos, o fazemos graças à matéria, mas por sua causa do espírito que está em nós. O ato de ser, de que cada um de nós goza pessoalmente em modo exclusivo e incomunicável, é um ato de ser espiritual, aquilo que São Tomás chama *actus essendi* da alma.

O cultivo do homem, que se atualiza, graças à liberdade deve ser, portanto, voltado primeiramente ao espírito: deve ter em mira a dimensão espiritual do nosso ser, a alma. Fazer o homem, que é a tarefa própria da moral, significa fazer o homem em todas as suas dimensões, somática e espiritual, psíquica e intelectual, mas que significa, sobretudo, realizar o homem como espírito, porque o homem é intimamente e primariamente espírito. Esta é a grande lição da qual somos devedores, além do cristianismo, também à filosofia oriental e à filosofia platônica.

QUARTA DEFINIÇÃO: O HOMEM E ESPÍRITO

Não existe um termo melhor para qualificar o ser do homem do que o termo *persona*. Com esse termo, segundo São Tomás, se designa aquilo que há de mais perfeito no universo: *Persona significat id quod est perfectissimum in tota natura, scilicet subsistens in natura rationali* 7. E no universo, nós sabemos não existe nenhum outro ser mais perfeito do que o homem. Só do homem dizemos que é pessoa, não dizemos do cão, do cavalo, do gato e nem mesmo das plantas e das pedras.

Mas o que se entende, precisamente, com esse termo?

Várias são as definições propostas, de vários gêneros e podem ser reunidas em três grupos: definições psicológicas, que são aquelas apontadas por Descartes, Hume, Fichte e, que identificam a pessoa com a auto consciência; definições dialógicas: são aquelas de Mounier, Ricouer, Levinas, Buber, que afirmam consistir a pessoa na capacidade de dialogar com os outros; definições ontológicas, que afirmam ser a pessoa a própria essência, a substância, ou mesmo, o ser do homem. O nosso argumento sobre a cultura, a liberdade e a espiritualidade se propõe a definir a pessoa como ser subsistente na ordem do espírito. O homem, como se viu, é espírito, mas é pessoa justamente porque subsiste na ordem do espírito. O espírito nele não é um acidente, mas a sua substância. A substância do homem é a alma, e a alma pertence à ordem do espírito.

Graças à sua subsistência na ordem do espírito, o homem é, ao mesmo tempo, um ser fechado em si mesmo, enquanto subsistente, e extremamente aberto e excêntrico enquanto é espírito. Enquanto espírito goza de uma abertura sem limites, infinita. Enquanto espírito ele

pode entrar em comunicação com os outros espíritos. Mas a subsistência espiritual do homem e, portanto, a sua pessoa e a sua unicidade inviolável possuem características peculiares que são aquelas que determinam e explicam as primeiras duas definições que demos sobre o homem, como ser cultural e como ser livre. Acima de tudo, é um espírito encarnado e, em segundo lugar, é um espírito finito.

A subsistência espiritual do homem é essencialmente, substancialmente, ligada à matéria. O espírito do homem se hipostatiza no corpo. A cultura do homem se torna, portanto, necessariamente também cultura do corpo, cultura de sua saúde e de sua eficiência. O corpo humano é um corpo sexuado e a sexualidade desenvolve no homem uma pluralidade de funções, entre as quais aparece aquela personalística: a sexualidade é dada ao homem primeiramente para realização de sua pessoa e, na maior parte dos casos, para realização da pessoa através de um correto uso da sexualidade.

Em segundo lugar a substância espiritual do homem é uma subsistência finita: o homem é um espírito finito, ainda que seja próprio do espírito tender ao infinito. É a finitude do espírito humano, voltada ao infinito, que busca o caminho que ele deve percorrer no cultivo de si mesmo, em vista de sua plena realização.

Enquanto espírito encarnado e finito, o homem se encontra associado aos outros espíritos encarnados e finitos. Por isso, a sua existência e a sua auto-realização é essencialmente ligada à existência e à realização dos outros espíritos encarnados que são o seu próximo. O conceito clássico de pessoa, cuja definição é subsistente racional, pode favorecer uma compreensão individualista e privatista do homem e, no caso de haver confusão entre a auto-suficiência e autonomia ontológica, com a auto-suficiência e autonomia existencial, se pode chegar ao ponto de fazer da pessoa uma mônada sem porta e sem janelas, como fez Leibniz. Esta definição vem corrigida pelo conceito dialógico, dando relevo ao aspecto da coexistência, ao fato de que o homem é essencialmente um ser social: que ele existe com os outros e realiza-se a si mesmo, em colaboração com os outros. Cada pessoa humana tem necessidade dos outros: para vir ao mundo, para crescer, para nutrir-se, para educar-se, para programar-se a si mesma e para realizar seu próprio projeto de humanidade. Vimos que o homem é um ser cultural, e que além de ser o seu próprio artífice: ele também é o resultado da cultura. Ora, a cultura enquanto forma de uma sociedade e tradição de um povo, não é obra de um indivíduo, mas de um grupo social. Assim, cada ser racional nasce, vive e cresce no interior de um grupo social e, em grande escala, toma como seu, aquele projeto de humanidade que corresponde aos ideais buscados pelo seu grupo social, por sua pátria.

No mundo em que vivemos, tudo é intensamente socializado. Vivemos sob o império dos meios de comunicação. A coexistência, a convivência com os outros, que normalmente são fatores positivos, frequentemente se transformam em fatores negativos e impeditivos para a realização pessoal: o mundo transforma? Se numa gaiola, numa capa de chuva, numa droga que sufoca e mortifica as suas íntimas aspirações, as suas ambições os seus ideais, e toma vãs suas fontes espirituais e o seu projeto de humanidade. Na coexistência a massa supera a pessoa: os direitos e os valores pessoais não contam mais. Sobre eles prevalecem as estruturas e exigências sociais.

Como demonstrou com grande lucidez Heidegger, um dos maiores estudiosos da dimensão da sociabilidade (Mitsein), o homem moderno tende a se tomar um das Man (Eles), não um Eu ou um Tu, mas uma terceira pessoa sem nome, que faz aquilo que fazem os outros, pensa aquilo que pensam os outros, repete aquilo que dizem os outros, decide aquilo que os outros já decidiram por ele:

O indivíduo se move na subjetividade dos outros. Não é ele mesmo, os outros o esvaziaram do seu ser O arbítrio dos outros decide sobre as possibilidades cotidianas do indivíduo (Dasein). Não por isso os outros são determinados. Outros, ao contrário, são entre eles substituíveis. O decisivo é só o inobservado domínio que os outros exercem sobre o indivíduo sem que este lhe dê o peso ou o assuma conscientemente na coexistência (Mitsein). Pertence aos outros e lhes consolida a força (...). No uso dos meios de transporte, nos meios de transmissão das informações (jornais), cada um é como o outro. Uma coexistência assim dissolve completamente a singularidade individual no modo de ser dos "outros ", desfazendo? Se mais a sua diversidade e concreticidade. Nessa irrelevância e impessoalidade Eles (das Man) exercitam a sua autêntica ditadura. Fazemos lazer e nos divertimos como Eles se divertem; lemos, vemos e julgamos literatura e arte como Eles vêem e como Eles julgam. Nos retiramos da grande massa como Eles se retiram, acreditamos ser revoltante aquilo que Eles acham que é revoltante. 8.

Os perigos da coexistência são o anonimato e a massificação. Estes, ao invés de contribuírem para reforçar a própria personalidade, individualidade e consistência, podem favorecer o achatamento e o nivelamento das descobertas, a homogeneidade dos interesses, dos empenhos e dos valores. A coexistência, segundo a bem conhecida linguagem heideggeriana, é um existencial, ou seja, uma condição primária da pessoa, uma via que todos devemos percorrer para chegar à plena realização de nós mesmos. Certamente, a interioridade é indispensável, acima de tudo, para a descoberta da verdade. Santo Agostinho tem absoluta razão: "Noli forsa ire; in interiore homine habitat veritas. Não, porém, na ordem da práxis, pois

aí são necessários a comunicação, a dedicação, o amor.

A coexistência, para atingir a meta da realização da pessoa, deve assumir as imagens da proexistência e da proximidade. A pessoa, enquanto subsistente na ordem do espírito, justamente por causa de sua dimensão espiritual, é essencialmente abertura e comunicação. Tal abertura e tal capacidade de comunicação conferem à pessoa a possibilidade de viver a própria coexistência na forma de proexistência: de transformar o viver com os outros, em um viver para os outros, em um ser para os outros, segundo a célebre expressão de D. Bonhoeffer. A proexistência é a generosidade e a dedicação, o espírito de sacrifício, de renúncia de si mesmo. É dar precedência ao outro, é preocupar-se pelo outro mais do que por si mesmo. Para certas pessoas (o pai, a mãe, a esposa, o amigo, o herói etc.) esta atitude é algo de instintivo e de conatural, mas o seu âmbito é muito restrito. Para que a proexistência possa se tomar um traço dominante da pessoa, é necessário um forte empenho da vontade e o exercício cotidiano

A proexistência que ajuda a realização dos outros (do próximo) repercute positivamente, também sobre o ser do próprio proexistente: é como que se antecipasse uma via para a realização de sua pessoa: consolida-a, enriquece-a, torna-a maior, mais nobre, mais feliz. A proexistência que se coloca a serviço de outras pessoas, de outros espíritos encarnados pelo Espírito divino, constitui também o caminho régio da própria auto-realização.

Quanto mais se empenha em dar espaço à humanidade do outro, tanto mais se cresce na própria humanidade. A experiência cotidiana confirma isso, mostrando que um pai, uma mãe, uma esposa, um marido, um professor, um amigo, um soldado etc., são muito mais satisfeitos e felizes e, portanto, se consideram tanto mais realizados, quanto maior são os sacrifícios e as renúncias que souberem, enfrentar e suportar por amor dos filhos, do cônjuge, dos amigos, dos pobres, da pátria. Por que então, hoje, assistimos a desagregação de tantos casamentos senão por falta de proexistência? Assim, aquela união de amor, que é essencialmente proexistencial, se enfraquece inevitavelmente no momento em que se transforma de uma relação de proexistência, numa relação de existência egocêntrica e egoísta.

O voluntariado, nas suas múltiplas formas de expressão, é um exercício concreto de proexistência. E não é simplesmente um modo de vir ao encontro da necessidade do próximo e de ocupar o tempo livre, mas também um meio excelente de realização de si mesmo como pessoa, ou seja, como espírito encarnado. A coexistência proexistencial tem, como âmbito de exercício, o próximo. Próximo, etimologicamente, significa ser vizinho. Mas, falando dos outros, quem ocupa a posição de proximidade? Pode-se dividir o vasto mundo dos outros em

duas grandes categorias, a dos próximos e a dos terceiros, como fazem alguns autores ou, em sede ética se deve dizer que próximo abraça todos os outros, ou seja, todos os representantes da espécie humana, sem distinção de raça, de cor, de língua, de sexo, de religião, de cultura, de idade etc.

Observamos, acima de tudo, que aqui proximidade não conota uma relação espacial ou temporal (vizinhança no espaço ou no tempo), mas uma relação pessoal: aquela relação pela qual o outro é tratado como nós mesmos, e isso significa, como explica São Tomás, (*implere voluntatem proximisicut et suiipsius*), fazer a vontade do próximo como a própria. Quem tem direito a esta relação: os familiares, os pais, os filhos, os irmãos, os parentes, os amigos, os vizinhos, os compatriotas? Estende-se também a todos os homens?

Geralmente nós damos à categoria da proximidade uma extensão muito limitada. Dificilmente para um branco americano ou sul-africano, o negro entra na categoria da proximidade; o mesmo vale para o palestino ou árabe em relação ao hebreu; do sérvio em relação aos croatas; dos muçulmanos em relação aos cristãos, e vice-versa.

A categoria da proximidade como elemento importante na definição da pessoa foi utilizada sobretudo por E. Levinas e por K. Wojtyla.

Para Levinas a, proximidade é relação fundamental que une todos os homens: ela precede cada forma de representação, de conceituação, de julgamento, de empenho, de decisão e, tanto que chega a adquirir o aspecto de uma obsessão. Escreve Levinas:

O próximo se refere a mim, em primeiro lugar, antes de qualquer argumento, antes de qualquer compromisso assumido ou refutado. Sou ligado a ele, que vem em primeiro lugar, sem conotações que dividem, antes de qualquer ligação de contrato. Me ordena antes de ser reconhecido. Relação de parentela, antes de qualquer relação biológica, contra qualquer lógica.

A comunidade com o próximo começa nas minhas obrigações com a sua segurança, seu resguardo. O próximo é irmão. Fraternidade irrecusável, convocação irrecusável:

... a proximidade é uma impossibilidade em afastar-se sem ocasionar a quebra do compromisso, ou alienação, ou culpa, ou insônia ou distanciamento. O próximo me convoca antes que eu o designe, que não é uma modalidade de um saber mas, de uma obsessão e, em relação ao conhecer, um frêmito do humano completamente ligado ao outro.¹²

Da mesma forma, em termos tão firmes como estes, é a proposta da categoria de proximidade formulada por K. Wojtyla naquele excelente estudo de fenomenologia da pessoa, *Persona e ato*, escreve:

O sistema de referência, o próximo, tem um significado fundamental entre todos os sistemas derivados da comunidade humana, pois supera a todos, pela dimensão, simplicidade e profundidade. Ele indica, ao mesmo tempo, a plenitude da participação, não indicada pelo fato de ser membro de uma comunidade. O sistema de referência "próximo" explica de todo modo, em profundidade, aquilo que é contido em qualquer sistema do tipo membro da comunidade.

Portanto, a categoria da proximidade nos faz apreciar algo de mais absoluto. De fato, continua K. Wojtyła,

O conceito de próximo é ligado ao homem, enquanto tal, sem levar em conta qualquer referência a esta ou aquela comunidade ou sociedade. O conceito de próximo leva em conta só a humanidade, da qual sou um possuidor, como o é cada outro homem. O conceito de próximo cria, assim, a mais ampla plataforma comunitária que vai além de qualquer diversidade com o outro, e que vai muito além daquela que acontece porque se é membro das várias comunidades humanas.

Todos os estudiosos que exploraram a estrutura da proximidade, concordam em dizer que ela é uma relação primária que se radica diretamente na essência própria da pessoa, porque se impõe, de per si, imediatamente no encontro com o outro. Por este motivo, constitui o fundamento último da moral. A realização de si mesmo passa necessariamente através do próximo. Por este motivo, para definir adequadamente a pessoa, não basta a subsistência nem a coexistência, é necessário também a proexistência, e o âmbito da proexistência é o próximo. Portanto, o próprio crescimento espiritual, que é o crescimento na dimensão mais profunda da pessoa, se consegue, não amando a si mesmo, mas o próximo e, através do próximo, Deus mesmo, fonte de todo amor e supremamente amável, e que é, portanto, digno de ser amado com todas as forças, sobre qualquer outra coisa ou pessoa.

QUINTA DEFINIÇÃO: O HOMEM É TEOMORFO, IMAGEM DE DEUS

O homem é imagem, ícone de Deus.. O que faz supor que não se trata de uma verdade de fé, ainda que o texto bíblico: Deus creavit hominem ad imaginem et similitudinem suam, Deus criou o homem à sua imagem e semelhança (Gn 1, 27), teve um papel decisivo na difusão desta verdade. Para o homem, a pessoa humana, ser imagem de Deus é verdade ontológica e exigência ética, ao mesmo tempo.

É, antes de tudo, verdade ontológica. Enquanto espírito, enquanto ser inteligente e livre, o homem é cópia fiel de Deus, a Ele marcadamente assemelhado. Tanto se assemelha,

que ele espelha Deus, não simplesmente na sua unidade, mas também, como se esforçou para mostrar Santo Agostinho, de mil modos, na sua Trindade. O homem é espelho do Pai na memória, do Filho na inteligência, e do Espírito no amor.

Mas é também uma exigência ética. A tarefa da ética é fazer o homem, realizar plenamente essa verdade.

O homem, nesse mundo, é pessoa, ou seja, subsistente na ordem do espírito, em forma germinal, incipiente e incompleta. Ontologicamente, tem tudo quanto precisa para ser pessoa, mas a sua personalidade, entretanto, está toda por ser definida. A função primária da cultura é a de conduzir indistintamente o indivíduo, que ganha a condição de ser humano ao nascer, a uma personalidade rica e bem definida. Na origem, a pessoa humana é um projeto, mais do que uma obra completa.

A pessoa, é uma obra de arte, a maior de todas as obras de arte. Mas, onde encontra o homem o modelo adequado para plasmar-se a si mesmo, e para tirar dele sua espiritualidade, sua inteligência, sua vontade, sua liberdade e todas as riquezas de que dispõe? O modelo, sobre o qual o homem deve decalcar o desenho da sua própria personalidade, não pode encontrá-lo nas criaturas inferiores: nem nas plantas, nem nos animais, nem nos astros. Nem mesmo no melhor dos outros homens, porque por mais que possa ser bom, inteligente, sábio, forte, santo, os homens são sempre dotados de uma humanidade imperfeita. De resto, a humanidade primitiva não pode avaliar-se pela exemplaridade de nenhum outro ser humano.

O único modelo adequado à aspiração de infinitude do homem, encontra-se inscrito na própria espiritualidade. Não pode ser outro que um modelo infinito: infinito como espírito, infinito como inteligência, infinito como vontade, como liberdade, como bondade, como amor. O único modelo adequado que o homem deve assumir, para levar à plenitude da própria pessoa é, como já tinham percebido nossos pais, Deus mesmo. Por este motivo, para a realização plena de si mesmo, que é ontologicamente teoforme, o homem deve fazer-se imitador de Deus. É o que escreveu o grande Platão no Teeteto, acrescentando, que a imitação de Deus é tornar-se justo e santo sustentado por visão espiritual e intelectual.¹⁵ Deus, em si mesmo, é invisível, inefável, misterioso, inacessível: Ele ipsum subsistens, subsiste Nele mesmo, oceano infinito de Si mesmo, mas sem figura e sem rosto. E assim, de fato, é um modelo que não é modelo; é um modelo concretamente impossível de ser proposto.

Na sua bondade infinita, porém, Deus mesmo, voluntariamente, quis eliminar este paradoxo. São Tomás, que sobre esse ponto reflete o pensamento comum de todos escritores cristãos:

O filho de Deus, não veio ao nosso meio, assumindo a nossa carne, por pouca coisa, mas para a máxima utilidade(?), para nos fazer donos de sua divindade; e assim, se fez homem para transformar o homem em Deus (sic factus est homo, ut hominem faceret Deum)

Portanto, para realizar-se como ser teomorfo, de acordo com o modelo divino, a pessoa deve tornar-se cristiforme. Já a pessoa traz em si a forma de Deus, a teomorfa, em forma incipiente, desde o nascimento. Com a assistência do Espírito Santo, durante a vida, pode tornar-se sempre mais pleno, na medida em que sabe fazer-se discípulo e imitador de Cristo.

SEXTA DEFINIÇÃO: O HOMEM É VALOR ABSOLUTO

Agora passamos a considerar o homem numa visão axiológica, ou seja, do ponto de vista de sua dignidade e de seu valor, constatando que é um valor absoluto participado. Antes de tudo, é um valor absoluto, não um valor instrumental: ele pertence à ordem dos fins, e não à dos meios, à ordem do frui e não àquela do uti, para usar e não para ser utilizado, na linguagem de Santo Agostinho. Esta verdade, desconhecida do pensamento pagão, ganha espaço, cresce e se desenvolve somente com o cristianismo. Trata-se, com efeito, de uma verdade estreitamente ligada ao conceito de pessoa, que é um conceito de clara matriz cristã.

O homem é um valor absoluto, precisamente por este motivo, porque é pessoa, quer dizer, porque é um subsistente na ordem do espírito, e a primeira propriedade do espírito é ser livre, soberano. Enquanto espírito, cada homem possui uma dignidade real, uma dignidade sacra e inviolável.

O valor absoluto do homem está no espírito. Se não se o situa o valor no espírito é, totalmente gratuito e arbitrário considerar o homem um valor absoluto. Se o homem é só corpo, só matéria, ele se toma necessariamente uma realidade manipulada, instrumentalizada e, portanto, não pode ter um valor absoluto, mas sim um valor instrumental; não mais simplesmente um fim, mas somente um meio. Assim, todos os crimes contra o homem tornam-se possíveis, até os mais monstruosos e caprichosos: pode-se matá-lo no útero materno, nos campos de concentração, nas câmaras de gás; pode-se brutalizá-lo com a violência, com a droga, com a miséria, com a fome, com a desonra, com a injúria, negando-lhe a justiça e constringendo-o ao desemprego.

Mas o homem é um espírito finito. Isto significa que a sua condição de absoluto e infinitude não pertence à ordem ontológica mas, sim à ordem axiológica. O homem é absoluto

e infinito como valor, mas não como ser. Isto exige uma explicação: como é possível um valor absoluto, ontologicamente contingente?

Um absoluto axiológico, ontologicamente contingente reenvia, necessariamente, a um absoluto axiológico, ontologicamente absoluto, isto é, a Deus. Por isso, o homem como valor absoluto ontologicamente contingente remete, necessariamente, Àquele que é absoluto não somente numa visão axiológica, mas também numa visão ontológica. Sem a fundamentação em Deus, o homem é um valor absoluto que não consegue absolutizar-se, destinado a permanecer incompleto para sempre. É um valor em contínua gestação, incapaz de vir complemento à luz. É um valor absoluto somente nas palavras, é uma dignidade soberana sem consistência. Para ser, efetivamente, um valor absoluto o homem tem necessidade de Deus, porque a Ele só compete essencialmente, naturalmente, inteiramente, o título de absoluto.

A interpretação teocêntrica e teomórfica da realidade humana é a única capaz de explicar e fundar o valor absoluto da pessoa. Porque, com efeito, não se compreende, nem se sustenta, o valor absoluto da pessoa humana até que não se alcance a sua fonte, o Absoluto Valor. Ele é o valor que valoriza e que consagra definitivamente, para a eternidade, o absoluto valor homem. De outro lado, afirmar que o homem é um valor absoluto e reconhecer nele valores absolutos (verdade, bondade, justiça, sabedoria, amor etc.) como ideais que se realizam, sem admitir o Valor primeiro subsistente, é um admitir, contraditoriamente, o divino sem Deus.²⁰

Parece-me, portanto, justo afirmar como Scheler: O homem é o portador de uma tendência que transcende todo o possível valor vital e se direciona ao divino. Assim, pode-se dizer, que o homem é o buscador de Deus.

CONCLUSÃO

Para definirmos nosso ser fizemos um longo caminho, percorrendo as estradas da fenomenologia, da ética, da ontologia e da axiologia. Todas revelam a extraordinária grandeza do homem, como ser, ou como valor. O homem, porém, permanece essencialmente um ser cultural: isto é, um ser que se define e se realiza mediante a cultura. Esta se propõe, ou deveria propor-se, a realizar o homem integralmente. Para realizá-lo integralmente, é necessário uma cultura integral, que saiba cultivar todo homem, com as suas propriedades, qualidades, dotes, faculdades, dimensões, segundo aquele desígnio que Deus mesmo traçou para ele na criação, e que potencializou na redenção.

Uma cultura do homem para ser integral deve ser, sobretudo, cultura do espírito porque, aquela do espírito é a única dimensão que faz do homem um valor absoluto e perene. Cuidar da própria alma é um imperativo categórico de toda boa cultura: somente essa corresponde à grandiosíssima dignidade do homem. Dignidade verdadeiramente excelsa como canta o Salmista:

"que é um mortal, para dele te lembrares, e um filho de Adão, para que venhas visitá-lo? E o fizeste pouco menos que um deus, coroando-o de glória e beleza. Para que domine as obras de tuas mãos sob seus pés tudo colocaste: ovelhas e bois, todos eles, e as feras do campo também; as aves do céu e os peixes do oceano que percorrem as sendas dos mares. Iahweh, Senhor Nosso, quão poderoso é teu nome em toda a terra!"

O homem é a glória de Deus no universo, e o é, tanto objetivamente, como a mais bela de todas as criaturas, como subjetivamente, enquanto cabe a ele dar glória ao Senhor. O homem, juntamente com os anjos, é a única criatura que Deus ama por si mesmo, e é chamado, por sua vez, a amar Deus por si mesmo, com todo coração, toda alma e todas as suas próprias forças. E somente desse modo, rendendo louvor ao seu Senhor, o homem chega à perfeita alegria, sua meta final de auto-realização. O destino último do homem é unir-se ao coro dos anjos para celebrar a glória do Senhor, acompanhando o canto, como diz o Apocalipse, com as harpas divinas. Então, o nosso canto será:

"Grandes e maravilhosas são as tuas obras, ó Senhor Deus, todo-poderoso; teus caminhos são justos e verdadeiros, ó Rei das nações.

Quem não temeria, ó Senhor, e não glorificaria o teu nome? Sim! Só tu és santo! Todas as nações virão prostrar-se diante de ti, Pois tuas justas decisões se tomaram manifestas."

1. KANT, *Lógica*. 25A
2. S. Tommaso. *S. Theol.* 1, 87,
3. GUARDINI. *R. Libertà, grazia, destino*. Marceliana, Bréscia, 1957. R
4. SÃO TOMÁS *S. Theol.* 1, 833.
5. SARTRE. J.P. *L'êtr e lenéant*. Gallimard, Paris, 1957. R 515.
6. RADHAKRISHNAN S. *Refigioniorientali e pensicrooccidentale*. TÈ It. Milano, 1966, p. 45.
8. HEIDEGGER M. *Essere e tempo*. Tr. Chiodi, Bocca, Milano, 1953, p. 140.
9. S. AGOSTINHO. *De vera refigione*, 27.
10. S. TOMMASO. *S. Theol.* 11/11, 29,1

11. LEVINAS E ' Altrimenticheessere. Jaca Book, Milano, 1983. R 108. 12. Idem. R 110.
13. WOJTYLA, K. Persona e atto. Città del Vaticano, 1982. R 331.
14. Idem. R 328.
15. PLATONE. Teeteto. 27.
16. S. TOMMASO. Expos. In Symb. a. 3, n. 907.
17. Idem. 919?824.
20. MONDIN, C.fr. B. Il valore uomo. Dino, Roma, 1 ed., 1987.
21. SCHELER, M. DeiFormafismus in der Ethikand die materialeWertethiLHafle, 1916. Pp. 301?302.

O texto acima foi retirado algumas partes do original, inclusive o título